

O CUIDADO ENQUANTO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DE UMA EXISTÊNCIA NA ANGÚSTIA

*THE CARE AS A CONDITION OF POSSIBILITY OF AN EXISTENCE
IN THE ANGUISH*

Diego Martendal¹

RESUMO

O presente artigo acadêmico tem por intenção primeira explorar a compreensão de Emmanuel Carneiro Leão acerca da relação existente entre cuidado e angústia na fenomenologia heideggeriana. A percepção de homem enquanto ser limitado diante do desconhecido leva ao surgimento da condição de angústia e conseqüentemente à necessidade de se colocar sadiamente diante desta condição, o que se faz possível a partir do momento que se compreende o cuidado, mais especificamente o cuidado de si. Para dissertar sobre isso se faz necessário elencar alguns objetivos: compreender a visão heideggeriana de cuidado relacionado com Dasein; explorar a abordagem de angústia enquanto condição intrínseca à vida humana. A obra referida como base para a pesquisa é o texto “A Fenomenologia e o Cuidado de si” de Emanuel Carneiro Leão. A pesquisa é bibliográfica e o método de escrita se utilizará de divisões capitulares.

Palavras-chave: Angústia. Cuidado. Existência. Memória. Fenômeno.

¹ Mestrando em Filosofia, na área de Ética e Filosofia Política, no PPGF da PUCPR. Pós-graduando em Gestão de Projetos pela FAE Business School. Graduado em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: diegomartendal@gmail.com

ABSTRACT

The present academic article has the first intention to explore Emmanuel Carneiro Leão's understanding of the relationship between care and anguish in Heidegger's phenomenology. The perception of man as a limited being in the face of the unknown leads to the emergence of the condition of anguish and, consequently, to the need to place oneself in a healthy way in the face of this condition, which becomes possible from the moment care is understood, more specifically the care of the self. To discuss this, it is necessary to list some objectives: to understand the Heideggerian vision of care related to Dasein; explore the approach to anguish as an intrinsic condition of human life. The work referred to as the basis for the research is the text "The Phenomenology and the Care of the Self" by Emanuel Carneiro Leão. The research is bibliographical and the writing method used will be capital divisions.

Keywords: Anguish. Caution. Existence. Memory. Phenomenon.

INTRODUÇÃO

As mais variadas maneiras de encarar um problema ou uma questão é que fizeram da Filosofia uma arte tão complexa, especialmente no que se refere a significação do pensamento. Em a “Fenomenologia e o Cuidado de si”, Emmanuel Carneiro Leão abordará justamente um modo aprofundado de percepção e vivência, um modo que se expande para além do tradicionalmente pensado, um modo que encontra fundamento na essência.

Para começar a abordar o tema do cuidado o filósofo propõe o tema da angústia. Essa antecipação às experiências que, de certo modo, transforma a própria experiência que ainda não é em algo que se dá a partir do que já temos, já procuramos, que gera em nós um sentimento desejoso de satisfação é que faz surgir a angústia. A angústia é, portanto, mais uma possibilidade humana. A partir dela fundamenta-se outra noção igualmente importante, o cuidado. O cuidado de certa forma dual, que se tem e que detém, se manifesta enquanto cuidado que a angústia tem e que se tem com a angústia. Quando se retrai o cuidado se abre espaço para a angústia, ou poderíamos dizer, quando se deixa o espaço surge a angústia. Um espaço ocupado pela confusão que surge diante do nada, da ausência de possibilidades, de sentido, sempre de modo “estranho e misterioso” (LEÃO, 2018, p. 39), numa incapacidade de ser além, no vir a ser.

1 ANGÚSTIA ENQUANTO DUALIDADE CRIATIVA

A Angústia, na perspectiva de Leão (2018), não é algo tenebroso, mas sim algo que completa, ou melhor, complementa o homem. Heidegger (2005) deixará claro que ela é diferente do temor, apesar de apresentar características em comum. Na produção da percepção da incapacidade e da vulnerabilidade, o homem se torna capaz de andar com os pés no chão, ou pelo menos cria a possibilidade para tal ação. “É pela angústia que se produzem realizações privilegiadas, isto é, realizações que parecem abolir as diferenças não somente de espaço e tempo, mas sobretudo entre ser e poder-ser” (LEÃO, 2017, p. 40). Por levar o homem a uma escuridão, ou por se constituir em tal situação, a angústia proporciona uma capacidade única criativa. No desconhecido é possível criar, até como uma forma de fuga da própria angústia, como um inovar particular, que nunca será igual, nem reproduzido,

nem explicado. Toda criação consiste numa leitura singular da angústia de nossa liberdade. A partir disso percebe-se a necessidade da existência da *mnemósyne*, enquanto realização criativa sadia, um deixar de lado os aspectos negativos que nos afundam, nos inibem as possibilidades através de um amargurado coletivo de fatos repetitivos. Nesse sentido surge o esquecimento sadio como força criadora.

A angústia é uma das forças que mais singularizam o homem. Novamente a partir de uma configuração dualística levará o homem ao desespero sufocante ou à grandeza de possibilidades. Quando o homem não consegue, não aprende, não suporta lidar com a angústia, entendê-la, deixa-se sufocar, “sufocar sua existência”. O mundo em sua vastidão nos permite conviver com o ser e o não ser ao mesmo tempo. São muitas pessoas, muitas possibilidades, muitas coisas que nem imaginamos ou compreendemos. Estamos em conexão com tudo isso e tempos que conviver com coisas que nos escapam. Daqui surge a angústia enquanto impotência, insatisfação, culpa, desespero etc. A partir do momento que este homem encara a angústia de uma nova forma, revela-se para ele uma imensa categoria das possibilidades. A percepção de que a nossa existência está naquilo que fazemos e de nossa interação com os outros, não como mero empirismo, mas sim enquanto realização, vivência como ir de encontro, nos possibilita encarar a angústia de outro modo, convivendo e existindo com aquilo que não somos também. Isso se dá a partir do cuidado, a partir da dedicação, da ocupação e da solicitude.

2 O CUIDADO COMO FORMA DE EXISTIR

A angústia é uma disposição unicamente e intrinsecamente humana. Os animais são incapazes dela. Em Heidegger essa “angústia que se angustia pelo próprio ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 249) assume um cunho existencial, e assim como descreve Leão (2017) é a partir dos conflitos interiores que ela cria meios para vir a existir.

A dificuldade que nós temos em aceitar a diferença dos outros é a mesma dificuldade que sentimos em aceitar nossas diferenças. Sua dificuldade é radical e consiste em rejeitar conviver com as diferenças, sejam próprias, sejam alheias. Pois toda diferenciação se apresenta como destruição e perda. É que nos vários conflitos nós sempre de novo fazemos a experiência de que ninguém quer esquecer um conflito, ninguém quer esquecer nada. Todos só têm a memória de uma coisa, do poder (LEÃO, 2017, p. 43).

Os animais em geral vivem apenas para viver, vivem apenas sua vida e nada mais. O homem, por outro lado, é o único animal que recebe e acolhe influências em sua vida, o homem não aceita apenas viver, mas procura direcionar, criar a sua vida. “É convidado, por isto, constantemente, a assumir a responsabilidade de cuidar de si mesmo, de dedicar-se a viver” (LEÃO, 2017, p. 46). Essa forma de conduta humana leva os homens a um estado de angústia diante do nada, uma angústia diante da incapacidade de controle e direção de sua vida. Os demais animais não sofrem com isso. Por isso a existência do homem exige dele o cuidado.

Assim, o fenômeno radical do cuidado consiste em ser natural do homem, ser levado, por si mesmo, a estar no outro de si mesmo, a estar em sua própria natureza diferente de si mesmo, transformando-a numa dinâmica de receber a dar sentido (LEÃO, 2017, p. 47).

A partir da conscientização de que a angústia, ou melhor, utilizando os termos heideggerianos, o angustiar-se faz parte da natureza humana, numa relação direta com o mundo, estar no mundo enquanto mundo, o homem tem a tarefa de se perceber enquanto presença neste mesmo mundo. A percepção de sua completude e vulnerabilidade abre espaço para o mundo das possibilidades no qual se faz indispensável a responsabilidade e o cuidado. “A angústia arrasta a presença para o ser-livre [...] enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é” (HEIDEGGER, 2005, p. 252). Frei Hermógenes Harada em seus escritos que a muito sobreviveram ao tempo, dedica um pequeno fragmento, do qual retira de sua própria experiência a motivação para descrever a angústia.

Professor Rombach me dizia que, com o tempo, começaria a sentir o fenômeno da angústia. De fato, creio que comecei a entrar na experiência da angústia. Angústia não é medo. Não é também tédio. É uma percepção nítida, clara do sem sentido de todas as coisas. Você adquire o olhar muito penetrante e clarividente. Você por assim dizer vê as diferentes camadas das coisas e das intenções. Vê tudo claro, mas na Transparência da Morte. Será que esta clareira é o lugar do velamento do Ser? (HARADA, 2018, p. 32).

Assim como elencou Harada (2018), na angústia se adentra no olhar aclarado sobre as coisas. Porém, para Leão (2018), ao homem nessa condição é indispensável o cuidado enquanto dimensão de abertura às possibilidades responsáveis de colocar-se

no mundo. O homem enquanto ser inacabado, enquanto *Dasein*, deve torna-se um com o cuidado, pois o cuidado é modo mais próprio de si mesmo enquanto ser humano. Por meio da compreensão de cuidado o homem é capaz de perceber-se a si mesmo e a partir disso direcionar sua existência, ou pelo menos esboçar traços para compreendê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa vida todos passamos por momentos de angústia. Nem sempre a utilizamos como capacidade criativa, mas sim nos deixamos afogar na ausência da capacidade de entendê-la como motivação. Aí surgem as depressões, o esvaziamento de sentido da vida, a amargura, o desejo ardente de transformar a todos em reprodutores de nossas vontades, regras e preceitos. A angústia nos põe diante do panorama da incompreensão pela distância que temos do “controle” do mundo. Nessa situação temos que apreender a transformá-la criativamente em fonte de motivação, de desenvolvimento e aprimoramento. Temos que fazer da angústia uma oportunidade para conhecermo-nos cada vez melhor, nessa grande busca que é a própria vida. Colocando-se nesse direcionamento as depressões, a amargura e a insaciabilidade pelo que já possuímos tendem a desaparecer.

Um velho amigo religioso sempre dizia: “coloquemo-nos no caminho da busca pelo autoconhecimento, reconhecendo e apreendendo as nossas fraquezas, as nossas limitações e a nossa pequenez diante do mundo, mas coloquemo-nos de maneira aberta e agradecida por termos a oportunidade de tais experiências. Assim, se assim fizermos, dela não sairemos mais fortes, bondosos, melhores, grandes, mas sim apenas mais humanos, com toda a pequenez que tal palavra abarca”.

REFERÊNCIAS

- CARRILHO, Marília R. O cuidado como ser e o cuidado como agir. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 21, p. 107-114, 2010.
- HARADA, Hermógenes. **Da fidelidade do pensamento**: fragmentos de um diário. Porto Alegre: Evangraf, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: parte I. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LEÃO, Emmanuel C. A fenomenologia e o cuidado de si. In: **Aprendendo a pensar III**. Teresópolis: Daimon, 2018.
- LEÃO, Emmanuel C. **Aprendendo a pensar III**. Rio de Janeiro: Daimon, 2017.
- WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans / Form / Ação**, Marília, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003.